

A. Latina está mais atrelada à China do que aos EUA

O crescimento latino-americano está mais atrelado à economia chinesa do que à norte-americana, o que explica o crescimento dos países da região em um cenário em que as altas do Produto Interno Bruto (PIB) e da demanda dos Estados Unidos estão desacelerando. A análise é do economista chefe para a América Latina do Banco Mundial (Bird), Augusto de la Torre.

No passado, explicou o especialista, a América Latina dependia do comércio e dos investimentos dos EUA e de outros países desenvolvidos. Desde 2002, entretanto, essa ligação passou a ser com a China. O gigante asiático é o principal destino das commodities exportadas pelos latino-americanos, e tem elevado os investimentos em infra-estrutura e produção de recursos naturais e alimentos na região. A exceção é o México, que ainda mantém uma relação umbilical com os Estados Unidos.

“Até agora, não há previsões catastróficas de

que a recessão nos EUA atinja de forma grande o resto do mundo”, declarou de la Torre, ponderando que a desaceleração da economia americana “é uma grande fonte de preocupação”.

Apesar de mais protegida de crises externas, a América Latina continuará vulnerável a choques cíclicos de demanda. Mesmo assim, argumentou o economista do Bird, é muito diferente enfrentar esses ciclos com um crescimento de 7% do que com um de 3%. “O desafio de longo prazo é aumentar a produtividade, o que já é visto no Brasil, Panamá, Peru e Colômbia.”

Divulgado ontem pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), o relatório “Perspectivas Econômicas Mundiais” (do inglês World Economic Outlook) estima que a América do Sul e o México crescerão juntos 4,3% em 2008. A América Central e o Caribe avançarão 4,7% e 4,4%, respectivamente.